

## **Uma discussão sobre um certo tipo de proposição negativa**

### *A discussion of a certain type of negative proposition*

*Raphael Demos*

*Traduzido por: Marcos Silva\**

*Recebido em: 04/2015*

*Aprovado em: 04/2016*

Neste artigo, proponho discutir um tipo de proposição negativa, as particulares, isto é, proposições como “Eu não vou assistir à aula do Prof. B.” ou, “Couro não é tão barato neste ano como no ano passado”, ou “O Sr. Smith não estava se sentindo bem na semana passada”. Eu não vou discutir proposições negativas gerais, isto é, proposições como, “O que é branco não é preto” ou “Nenhum homem escapará da morte”. Novamente, sobre particulares negativas, eu proponho selecionar para discussão, primariamente, negativas simples, adiando a consideração de duplas ou “n-uplas” negativas para o fim deste trabalho. Em tratando destas proposições negativas simples particulares, eu vou falar simplesmente de “proposições negativas”, evitando a expressão mais longa e estranha e o meu objetivo será descobrir a definição do tipo de proposição negativa em questão, isto quer dizer, a sua forma geral e a sua relação com o campo total das proposições. Eu proponho conduzir à contribuição construtiva deste trabalho ao dizer o que, em minha visão, a proposição negativa não é.

(a) Uma proposição negativa não é dependente do sujeito cognitivo em sua definição; conseqüentemente, é perfeitamente objetiva, não meramente como uma proposição, mas em seu caráter negativo também. Eu me refiro aqui à visão que define uma proposição sendo negativa na medida em que o sujeito cognitivo a nega e uma positiva, na medida em que o último a afirma, e, de maneira mais geral, que tenta explicar esta diferença entre proposições em termos de uma diferença entre

---

*\*Pós-doutorando, Bolsista CAPES/PNPD, Curso de Filosofia na Universidade Federal do Ceará.*

*Problemata: R. Intern. Fil. v. 7. n. 1 (2016), p. 276-285 ISSN 2236-8612  
doi:<http://dx.doi.org/10.7443/problemata.v7i1.23957>*

atitudes cognitivas. Tal visão é insustentável porque a correspondência específica que ela pressupõe entre o caráter da proposição e o caráter da atitude não existe. Além disso, qualquer trabalho sobre lógica simbólica contém muitas proposições como membros de sistemas dedutivos. Lá, nenhuma atitude parece estar envolvida, e mesmo assim as proposições não são destituídas de seu caráter peculiar como positivas ou negativas. Eu não vou trabalhar mais este ponto porque pensadores hoje em dia parecem estar praticamente de acordo sobre a sua validade.

(b) A proposição negativa não deve ser tomada em seu valor de face. A razão é a seguinte: Em seu valor de face, a proposição negativa parece ser coordenada com a proposição positiva, mas difere de sua forma, e parece corresponder, no mundo dos objetos externos, a um fato diferente em tipo do fato positivo. Assim, a proposição negativa “O Sr. X não está em casa” parece ser formalmente diferente da proposição positiva “Sr. X está em casa”, em sendo verdadeira, parece implicar o fato negativo correspondente “que X não está em casa”. Portanto, uma visão que adota aparências deveria adicionar ao mundo das proposições positivas uma nova classe de proposições que são negativas e ao mundo dos fatos positivos uma nova classe de fatos *negativos*. Agora, uma razão pela qual tal visão não deve ser defendida é a consideração empírica que fatos estritamente negativos não podem ser encontrados em lugar nenhum da experiência e que algum conhecimento de uma natureza negativa parece derivar de um tipo positivo de percepção. Eu uma vez empreendi uma investigação bastante sistemática sobre o problema com conhecidos inteligentes que não tinham pensado antes no tema e, portanto, estavam menos aptos a serem tendenciosos em sua resposta. Eles foram praticamente unânimes em seu testemunho que nunca encontraram um fato negativo e que cada caso de conhecimento expresso por uma proposição negativa era na realidade de natureza positiva, de um modo que eles não eram capazes de compreender. Consequentemente, ao menos que o veredicto de experiência deva ser desprezado, a concepção de fatos negativos deve ser rejeitada, ou pelo menos não adotadas antes que aos recursos que orientam a concepção de fatos e proposições positivos sejam dados uma chance justa de explicar a situação.

A discussão acima tem como consequência o seguinte resultado positivo: Assumindo que não existam fatos negativos,

então na medida em que a proposição negativa é, de qualquer forma, declarada de um fato, o termo da referência deve ser o mundo dos fatos positivos. Logo, aparências devem ser descartadas e uma *interpretação especial* deve ser dada à proposição negativa, que deve permitir tal referência. Uma pista para tal procedimento repousa no elemento distinto na proposição negativa, nomeadamente, o elemento simbolizado pela palavra “não”.

(c) Contudo, aqui novamente uma certa reserva deve ser mantida. A interpretação sugerida não deve tomar a forma de considerar “não” como uma qualificação do predicado da proposição negativa, por exemplo, ao definir uma proposição como “X não é branca” sendo de fato “X é não-branco”. Eu tenho em mente a forma geral que faz a peculiaridade da proposição negativa parecer ser uma peculiaridade do predicado e é capaz assim de definir a classe de proposições negativas como sendo simplesmente uma subdivisão na classe de proposições positivas, a saber, uma subdivisão de todas as proposições positivas que contém um “não”-predicado [*“not”-predicate*]. Minhas objeções a esta visão são as seguintes: Primeiramente, o elemento negativo se encontra no sujeito gramatical quase tão frequentemente quanto no predicado gramatical da proposição. Eu posso declarar que Deus não vai prover tanto porque eu acredito que não exista Deus quanto porque eu acredito que Ele seja não-provedor [*non-provident*]. Em segundo lugar e mais importante: um grande número de proposições e, especialmente, proposições negativas relacionais como “X não está a direita de Y” não podem ser ditas como tendo um predicado de forma alguma.

Até agora nós vimos então que (a) uma proposição negativa é uma entidade objetiva em todos os aspectos independente de um sujeito cognitivo; (b) ela não deve ser tomada em seu valor de face, mas deve ser interpretada como se referindo ao mundo dos fatos positivos; (c) a interpretação deve ser conduzida ao elemento “não” na proposição, mas não deve tomar a forma de uma consideração do “não” como uma qualificação do predicado na proposição. Em embarcando agora na tarefa positiva de descobrir qual é a interpretação verdadeira de uma proposição negativa, vou seguir a pista já indicada. Evidentemente “não” é uma qualificação, não de um elemento individual na proposição negativa, *mas do conteúdo inteiro dela*. Assim, a asserção “X não está morto” é realmente da forma

“não (X está morto)”, e toda proposição negativa é da forma “não-p” onde p é o conteúdo inteiro da proposição fora o “não”, e “não-p” é uma função de p em termos de “não”. Enquanto este conteúdo da proposição negativa é positivo, toda proposição negativa deve ser tomada como uma função negativa de alguma proposição positiva particular.

Qual é a natureza da modificação efetuada em termos do “não”? A resposta é que “não” é uma modificação relacional de p, e significa “oposto de” ou “contrário de”. Assim, “John não está em casa”, ou “não (John está em casa)”, significa “um oposto de (John está em casa)”, e a afirmação “Eu acredito que John não está em casa” é realmente a afirmação “Eu acredito em um contrário de (John está em casa)”. Explicando: todo termo relacional é a fonte de alguma expressão qualificadora [*qualifying expression*]; assim a relação “procriando” é a fonte da expressão qualificadora “pai”. Agora, existe uma certa relação entre proposições que, de acordo com o uso tradicional, eu chamarei de relação de oposição ou de contrariedade ou de inconsistência e que dá origem à expressão qualificadora “oposto”, ou “contrário”, ou “inconsistente com”. A palavra “não” é precisamente um símbolo para este predicado qualificador [*qualifying predicate*] e “não-p” significa “oposto ou contrário de p”. A relação de oposição é tal que se p se opõe a q, então p e q não são verdadeiras juntas (ao menos uma delas é falsa). Isto não deve ser tomado como uma definição, porque esta faz uso da noção “não” que, como disse, é equivalente à noção “oposto”. De fato, oposição parece ser, epistemologicamente, uma noção primitiva. A relação de oposição deve ser, além disso, distinguida da relação de contradição; o fato que se obtém uma contradição entre duas proposições implica não somente que ambas não são verdadeiras, mas também que ambas não são falsas.

Eu vou agora sugerir que proposições negativas da forma “não-p” - significando “oposta à p” - são *descrições de alguma proposição positiva*. Entretanto, antes de elaborar este ponto, eu vou proceder à análise do conceito de descrição como tal, fazendo uso da contribuição do Sr. Russell ao tema (cf. *Mind*, N.S., vol.xiv, pp. 477-493, artigo “Sobre a Denotação”; também, “*Principia Mathematica*”, pp.31-33,66-88, 181-216). (a) Descrições são todas as expressões que têm a forma “um tal e tal” ou “o tal e tal”. Toda entidade entra em relação ou possui propriedades que são ditas como a descrevendo e expressões da

forma acima são chamadas descrições na medida que elas constituem menções de alguma relação ou propriedade de algum objeto. Assim, a expressão “servo de Y” é uma descrição de X, pela menção da relação de servidão que X sustenta em relação a Y. (b) Uma descrição é definida quando é satisfeita por um único objeto e ambígua quando satisfeita por mais de um objeto. Assim, “atual presidente dos EUA” é uma descrição definida e “aluno de Harvard”, uma descrição ambígua. (c) É importante notar que o objeto descrito não é um constituinte da descrição. A descrição é da forma “algum objeto que é tal e tal”, onde nós temos uma variável (“algum objeto”) e uma função (“tal e tal”), mas não um objeto atual. (d) Agora, descrições são instrumentos de referência a algum objeto particular ao qual elas se aplicam, de maneira definida ou ambígua. Quando eu falo do servo de Y, dizendo, vamos supor, que está doente, é ao X que eu me refiro, e eu quero dizer que X está doente. Mas na medida que, na referência por descrição, o objeto descrito não é um constituinte da descrição, o objeto não é um dado [*datum*] para a referência do sujeito cognitivo, e em uma proposição na qual a referência é feita a um objeto por descrição, o objeto não é um constituinte da proposição sobre ele. Qualquer exemplo faz isto ficar óbvio. Por meio da descrição “o ganhador da próxima Maratona”, eu estou me referindo a um objeto, mas eu não tenho familiaridade [*acquainted*] com ele. Mais uma vez, em uma proposição, “O servo de Y está doente” a referência é feita a X, mas X não é um constituinte da proposição. Assim, em termos da descrição, a referência ao objeto é realizada [*achieved*] sem a ocorrência do último como um dado no complexo de referência. Agora, se “menção” (ou “declaração” [*statement*]) é definida para significar a referência a um objeto tal que o objeto referido é um constituinte no complexo de referência, então referência por descrição deve ser tomada como *referência sem menção* do objeto.

É como uma expressão [*phrase*] no sentido acima que o leitor é convidado a tomar a proposição negativa mais particularmente como uma descrição ambígua de alguma proposição positiva em termos de sua oposição a alguma outra proposição positiva. Já foi indicado que a relação de oposição pode ser obtida entre duas proposições dadas. (a) Uma proposição negativa como “não-p”, isto é, “um oposto de p”, é a descrição de alguma proposição positiva q em termos de sua oposição a p, assim como “um servo de Y” é a descrição de X

em termos de X servindo Y. Mais especificamente, a proposição negativa como “John não está em casa”, isto é, “não (John está em casa)”, isto é, “um oposto de (John está em casa)”, constitui a descrição de uma proposição positiva, como “John está na loja” ou “John está no campo”, em termos de sua oposição ao conteúdo “John está em casa”. (b) Enquanto possam existir várias proposições contrárias a uma proposição dada, uma proposição negativa interpretada como significando “um oposto ou um contrário de p” deve ser considerada como uma descrição ambígua. (c) Em uma descrição, qualquer proposição negativa é um instrumento de referência a alguma proposição positiva particular a qual ela se aplica e em qualquer complexo envolvendo uma proposição negativa a referência é feita a alguma proposição positiva da qual a primeira é uma descrição. Por exemplo, quando eu digo, “Eu concordo que nem todos são meus”, ie., “Eu concordo com um contrário da proposição ‘São todos meus’”, eu me refiro, digamos, à proposição: “Alguns destes são seus” e eu realmente quero dizer “Eu concordo que alguns destes são seus”. (d) Deve ser indicado em seguida que a referência a uma proposição positiva em termos da proposição negativa descrevendo-a é alcançada sem ter a primeira como um dado [*datum*] para a referência do sujeito, ou, em geral, sem tê-lo como um constituinte no complexo de referência; em uma palavra, é referência sem menção. Por exemplo, ao dizer “Eu acredito que John não está em casa”, eu estou me referindo à proposição positiva, digamos, “John está na escola” (como sendo o que eu acredito), mas eu não afirmo isto. Assim, apesar da asserção negativa fazer em cada caso referência a alguma proposição positiva e, então, em um certo sentido, é a declaração de algo positivo, nenhuma análise da asserção negativa poderia resultar em uma traço [*trace*] de uma proposição positiva. Neste respeito, não podemos caracterizar a declaração negativa como sempre positiva em referência, mas nunca positiva em conteúdo.

(e) Há ainda mais um ponto para ser feito acerca da estrutura da proposição negativa. Uma expressão descritiva é incompleta como aparece e precisa ser suplementada por uma asserção de existência do objeto descrito se todo o seu significado [*meaning*] deve ser feito explícito. A exclamação “Chuva!” é de fato da forma “Está chovendo” ou “*Há chuva*” e a proposição “Eu vi o servo de Y” é “*Existe alguém que é o servo de Y e eu o vi*”. Que a existência é assim implicitamente

asserida é evidenciado pelo fato de uma exceção poder ser feita para a proposição acima pela réplica: “Mas Y não tem nenhum servo” ou “Não existe um servo de Y”. Portanto, proposições negativas são incompletamente asseridas e, para ter todo o seu significado explícito, deve ser suplementada em seu conteúdo asserido pela declaração da *verdade* da proposição descrita \_ verdade sendo para proposições o que existência é para coisas. Correspondendo à exclamação da expressão simples, temos a declaração da proposição negativa, e assim como “Chove!” é realmente “Chuva existe” (“Há chuva”), assim “não-p” é realmente “não-p é verdadeiro” ou “um oposto de p é verdadeiro” ou “alguma proposição é verdadeira que é contrária a p”. Em geral, em uma declaração negativa, eu estou me referindo descritivamente à proposição que é verdadeira. Assim, quando eu digo que “John não está em casa”, e eu me refiro ao lugar, onde de fato John está, isto é, à proposição verdadeira sobre John e a minha declaração [*statement*] é “um oposto a ‘John está em casa’ é verdadeira” ou “a proposição verdadeira (a verdade) é um oposto de ‘John está em casa’”. No uso corrente, é entendido que na afirmação se está tratando da proposição que é verdadeira; conseqüentemente a afirmação para este efeito é omitida e somente a descrição de q, nomeadamente como “não-p”, é dada. Assim, ao invés de “um contrário de ‘X é branco’ é verdadeiro”, nós temos somente “um contrário de ‘X é branco’” ou “não (X é branco)” ou “X não é branco”.

Nós estamos agora preparados para dar uma definição sumária da proposição negativa do tipo que nós discutimos. Uma proposição negativa simples e particular é da forma “não-p é verdadeira”, onde p é alguma proposição positiva, e “não” significa “um oposto ou um contrário de”. Como tal, uma proposição negativa constitui uma descrição de alguma proposição positiva verdadeira em termos da relação de oposição que a última sustenta com alguma outra proposição positiva.

O seguinte exemplo de um uso real vai exhibir, concretamente, tudo o que a definição acima significa.

Suponha que você me pergunte onde John está e suponha que eu responda “John não está em casa”, o que é isto que eu transmito em minha resposta? Ao perguntar onde John está, você está perguntando sobre a verdade sobre John, i.e., sobre a proposição verdadeira sobre o paradeiro de John. Agora, eu sei que John está na loja, i.e., eu sei que a proposição verdadeira

que você está procurando é “John está na loja”. Eu posso responder a sua questão simplesmente declarando esta proposição, ou novamente eu posso me referir a ela indiretamente, isto é, eu posso *descrever* a sua verdade. Na realidade, eu escolhi a última alternativa e respondi pela descrição da proposição verdadeira. A proposição verdadeira “John está na loja” é de fato um contrário de “John está em casa”, e portanto, pode ser descrita como uma proposição que é contrária da última. Assim, em resposta à sua questão sobre a verdade sobre John, eu forneço a sentença “a proposição verdadeira, ou a verdade sobre o paradeiro de John, é uma contrária à proposição “John está em casa”. Entretanto, como isto é compreendido como eu me referindo à proposição verdadeira, eu não faço menção a ela e, em minha resposta, eu dou uma descrição somente, i.e., eu afirmo “um contrário de ‘John está em casa’ ou ‘não (John está em casa)’ ou ‘John não está em casa’”.

Substancialmente, a definição acima para proposições negativas simples se aplica também para duplas ou “n-uplas” negativas; as últimas, também, são descrições de proposições positivas que são verdadeiras em relação ao que elas se opõem. Existe esta diferença, entretanto, que enquanto negativas simples são funções de um conteúdo positivo, duplas e outras negativas são funções de um conteúdo negativo, tal qual qualquer proposição negativa na enésima [n-th] potência é uma função do conteúdo que é negativo na enésima potência menos um [(n-1)th].

Através da definição de proposições negativas que acabei de oferecer, o mundo dos objetos positivos é restabelecido como o último termo de referência em todas as asserções de uma natureza particular. Proposições negativas se referem a proposições positivas e proposições positivas, por seu turno, asserem fatos positivos. Nos dois casos há referência ao último, contudo no primeiro caso a referência é indireta, e, no segundo caso, direta. A partir desta perspectiva, uma proposição negativa pode ser definida como um referente a um referente ou descrição de uma descrição.

*Conhecimento* negativo pode ser definido como conhecimento de uma proposição positiva pela descrição em termos de sua oposição a algumas outras proposições. Este tipo de conhecimento proposicional é aquele em que o sujeito cognitivo não apreende a proposição a qual ele está se referindo.

Em sendo informado que X não tem mais que doze anos, eu adquire um conhecimento que é positivo em referência, enquanto é sobre a proposição positiva concernente à idade de X, a saber, o conhecimento que a verdade sobre a idade de X não é a de que ele tenha mais de doze anos, ou “que X tenha mais que doze anos é contrária à verdade”, mas é negativa em conteúdo porque eu não sei qual é a idade de X. É, então, conhecimento *sobre* a proposição positiva e não conhecimento *dela*.

Eu já apontei minhas dúvidas a certas noções e definições das quais o Sr. Russell fez uso em seu tratamento de classes e expressões descritivas em geral. Eu tentei aplicar para proposições negativas o tratamento que o Sr. Russell aplicou para expressões descritivas simples ou símbolos incompletos. No final, meu problema é idêntico ao dele. Ele se encontrou confrontado com o fato que aceitar expressões descritivas como significativas em suas formas dadas, significaria para as pessoas um mundo de coisas com objetos aparentes de tais descrições fantásticas e auto-contraditórias como “quadrado-redondo”, “centauro”, etc. Eu fui confrontado com o fato que aceitar proposições negativas em seu valor de face significaria para pessoas um mundo de objetos com fatos negativos, um tipo de objetos que a experiência falha em revelar. O Sr. Russell resolveu seus problemas, parcialmente, ao declarar que expressões descritivas são desprovidas de significado [meaning] em suas formas aparentes e que seus objetos aparentes são conseqüentemente nada. Eu também, ao ver a proposição negativa como um símbolo incompleto, fui levado a declarar a sua falta de sentido em sua forma aparente e seu objeto aparente \_o fato negativo \_ como sendo nada. É óbvio o paralelismo no tratamento seguinte, de um lado, das expressões simples pelo Sr. Russell e, do outro lado, de proposições negativas por mim mesmo, tal que o primeiro é suplementado por uma asserção de existência e o último por uma asserção de verdade.

Recapitulando: neste artigo eu afirmei, primeiramente, que uma proposição negativa simples particular é uma entidade objetiva cuja peculiaridade como negativa não é dependente da atitude de uma mente em relação a ela. Eu, então, defendi que a proposição negativa não pode ser construída na forma que possui aparentemente, na medida que tal construção faria dela formalmente diferente de proposições positivas e seria dotá-la de objetos puramente negativos, que, afinal de contas, não

podem ser encontrados na experiência. Eu concluí que alguma interpretação especial deve ser dada para a proposição negativa e fui adiante mostrando que seu elemento negativo é uma modificação, não de um constituinte distinto da proposição, mas de todo seu conteúdo. Assim qualquer proposição negativa é a modificação, em termos do “não”, do resto de seu conteúdo, e, uma vez que o último é positivo, \_ uma modificação de alguma proposição positiva. Eu afirmei o significado [*meaning*] de “não” sendo “oposto” \_ uma qualificação relacional em termos da relação familiar de oposição ou contrariedade entre proposições positivas, \_ e portanto o significado [*meaning*] da proposição toda “não-p” sendo “oposto a p”. Eu discuti que, assim dito, uma proposição negativa é uma descrição ambígua de alguma proposição positiva e que quando completamente afirmada é da forma “um oposto de p é verdadeiro”, ou “algum q é verdadeiro que é um oposto de p”. Assim eu defini uma proposição negativa simples particular como uma descrição ambígua de alguma proposição positiva verdadeira em termos da última se opondo a uma certa proposição positiva, tal que, em termos da primeira, a referência à segunda é atingida. Eu expliquei que a asserção ou conhecimento negativo é referência a (ou conhecimento de ) uma positiva pela descrição, e assim deve ser caracterizada como positiva em referência mas não em conteúdo, na medida em que a proposição referida não é um constituinte do complexo da asserção ou conhecimento.